

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Claudia Souza Moreira

**A NOÇÃO DE PASSIVIDADE NA TEOLOGIA DE TEILHARD DE CHARDIN E O
PROBLEMA DO SOFRIMENTO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Edson Fernando de Almeida

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, CLAUDIA SOUZA MOREIRA, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número; 201572150A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado 'A NOÇÃO DE PASSIVIDADE NA TEOLOGIA DE TEILHARD DE CHARDIN E O PROBLEMA DO SOFRIMENTO', desenvolvido durante o período de 30/07/2018 a 28/11/2018, sob a orientação de EDSON FERNANDO DE ALMEIDA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho, ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 7 de dezembro de 2018.

Claudia Souza Moreira

A NOÇÃO DE PASSIVIDADE NA TEOLOGIA DE TEILHARD DE CHARDIN E O PROBLEMA DO SOFRIMENTO

Claudia Souza Moreira¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as contingências humanas da dor, da finitude e da morte, a partir de um recorte de natureza teológica, tendo como base a noção teilhardiana de passividades. A cosmovisão de Teilhard de Chardin é apresentada observando-se sua ênfase nas passividades, como condição do mistério divino para edificação do “algo definitivo”. Em Teilhard de Chardin, a humanidade é convocada a participar do processo natural de evolução, com as divinizações das ações e com padecimentos das passividades (inspiração e vicissitudes), desenvolvendo as potencialidades latentes de crescimentos espirituais engendrados numa dinâmica de evolução universal. Para Teilhard de Chardin, no sofrimento humano, atuariam conjuntos de forças do universo que produziriam em nós o efeito esperado por Deus, pois nos encontramos em um processo natural de convergência ao “ponto Ômega”, centro divino do universo, ponto de consumação Crístico. O sofrimento se revelaria pela transfiguração de novas dimensões a serem apreendidas; assim, a condição do sofrimento passaria a ser apenas o reverso de uma condição de plenitude.

Palavras-chaves: Teilhard de Chardin. Finitude. Passividades. Sofrimento.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the human contingencies of pain, finitude and death from a theological nature, based on the Teilhardian notion of passivity. Teilhard de Chardin's worldview is presented by observing his emphasis on passivity as a condition of the divine mystery for the construction of the "definitive thing". In Teilhard de Chardin humanity is called to participate in the natural process of evolution, with divinations of actions and sufferings of passivity (inspiration and vicissitudes), developing latent potentialities of spiritual growth engendered in a dynamic of universal evolution. For Teilhard de Chardin, in the human suffering, would act sets of forces of the universe which would produce in us the effect expected by God, for we are in a natural process of convergence to the Omega point, the divine center of the universe, Christ's consummation point. The suffering would be revealed through the transfiguration of new dimensions to be apprehended; thus, the condition of suffering would become only the reverse of a condition of fullness.

Keywords: Teilhard de Chardin. Finitude. Passivity. Suffering.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo desenvolver uma pequena reflexão a respeito da temática das contingências humanas. A proposta é pautar um diálogo entre a questão da existência do sofrimento no mundo contemporâneo e a concepção de Teilhard de Chardin sobre o tema, sobretudo a partir da noção de passividades construída por esse autor. A obra de Teilhard de Chardin contribui para a construção de uma cosmovisão provocadora, no sentido de dar ao homem um lugar de protagonista da sua própria evolução no campo da ação, através da divinização das atividades e das passividades humanas, como um acabamento do ser no alcance de um propósito Maior.

No primeiro tópico, apresenta-se o sofrimento humano como uma constante ao longo da história da humanidade, ao qual todos estamos submetidos, independente de vontades e escolhas particulares. A humanidade, por sua contingência de provisoriedade e fragilidade, padece de sofrimentos, alguns mais, outros

¹Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: cienciashumanasclaudia@gmail.com.
Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau Bacharel.
Orientador: Prof. Dr. Edson Fernando de Almeida.

menos, de formas diferenciadas, mas, sem exceção, todos experimentamos alguma forma de sofrimento. Neste artigo, são expostas algumas diferentes perspectivas sobre a interpretação do sofrimento humano e de sua condição, a partir de contribuições de distintos pontos de vista de estudiosos dedicados ao tema. São também analisadas as vicissitudes encontradas na vida do homem contemporâneo, abrangendo as dificuldades de aceitação das próprias limitações, suas relutâncias contra as adversidades, as desventuras e a perseguição ilusória a um ideal de vida que contemple a perfeição num mundo indolor, apartado das dinâmicas naturais da vida.

O segundo tópico aborda a questão das angústias resultantes dos conflitos no âmbito das experiências subjetivas e coletivas, assim como os aspectos constitutivos do sofrimento na ordem de natureza física, psíquica, social, e os desdobramentos experimentados nas condições dos infortúnios humanos. Enfoca também as influências resultantes de expectativas frustradas e as sensações de impotência e de vazio que permeiam as construções dos esquemas mentais, assim como o despertar para o itinerário de autocompreensão e da busca de um sentido para a experiência do sofrimento.

E, finalmente, no terceiro tópico, é apresentado um recorte da cosmovisão de Teilhard de Chardin, com enfoque na mística da Terra, apontando os pontos centrais do fundamento cósmico do autor, no qual todas as criaturas são convocadas a participar do processo natural de evolução em direção ao “ponto Ômega”, como uma ascese da vida espiritualizada ao ponto Crístico.

2 O SOFRIMENTO HUMANO COMO INVARIANTE NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

O sofrimento humano sempre esteve presente na história da humanidade, e nenhuma explicação pode ter a pretensão de exaurir seus sentidos. As construções culturais, com seus signos e símbolos, contribuem para as interpretações individuais e coletivas sobre a questão contingencial à qual todos estamos sujeitos, e apontam sempre para a relevância da provisoriedade da condição humana. O invariante é que todos os seres vivos, sem exceção, estiveram e estarão sujeitos a alguma natureza de sofrimento.

Poder-se-ia fazer aqui inúmeras descrições de sofrimentos, como as guerras, as catástrofes naturais, as doenças, as desventuras, a fome, a violência, a morte, etc., sempre se constatando que, de alguma forma, se fazem presentes, ou seja, o sofrimento é um elemento permanente, um ponto nodal e articulador de ações no contexto histórico-cultural e social.

O homem é biologicamente uma criatura frágil, sensível e limitada, capaz de inventar ferramentas com as quais amplia de forma fantástica suas potencialidades, criando novas possibilidades a partir da técnica. A técnica por sua vez passou a atender às demandas dos constantes padrões de exigências nas dimensões de eficiência. Assim, a eficiência da técnica em todas as esferas de relações passou a ser considerada padrão de referência adotado pela humanidade.

Mesmo se apropriando e aperfeiçoando a técnica, a humanidade não eliminou as condições limitantes que a constroem. Ela continua subordinada às contingências, como imposições da vida com as quais se vê implicada à revelia. Assim, o homem se vê envolvido em sofrimentos - cada indivíduo à sua maneira -, vivenciados através de experiências subjetivas e coletivas. O sofrimento permanece no tempo, pois está alojado no cerne da dinâmica da vida, e encontra diferentes reações a partir da subjetividade humana. Segundo Almeida (2006, p. 125) “Cada um vive sua dor de modo absolutamente único e pessoal. O vivido da dor é sempre o vivido da minha dor. Cada um sofre à sua maneira qualquer que seja o motivo de seu sofrimento.”

O ser humano contemporâneo parece sofrer mais do que o homem do passado. Pesam sobre ele os avanços tecnológicos e a ditadura das instituições que legitimam as estruturas do *modus vivendi*. O mundo se apresenta acessível, com finalidades próprias e com exigências da ordem de um dinamismo que deve seguir uma lógica de consumo onde o ‘Ter’ e o ‘Ser’ se confrontam no seu pensamento dialético. Seu comportamento diante da vida precisa seguir a premissa da realização de uma Felicidade constante. Essa premissa intimidadora, acaba promovendo tormentos e angústias que sinalizam como processos de resistências a essa regra, que não se realizam na sua concretude, e que contribuem para a promoção da sensação de vazio e de fracasso íntimo.

Ou seja, o sujeito contemporâneo se vê rodeado de aparatos tecnológicos, de bens de consumo, mas não consegue lidar com as angústias mais profundas, resultantes de conflitos mais íntimos. Precisa atender às exigências de felicidade, de perfeição, de bem-estar, de acordo com um padrão de eficiência inserido numa

perspectiva temporal, segundo a qual o tempo vale pela quantidade de coisas que devem ser feitas ou conquistadas.²

Experimentando uma diversidade de valores que coadunam com o imediatismo, com o descartável, mantendo-o ausente de si mesmo e distante do próximo, o ser humano experimenta, com maior intensidade, as sensações de apego, o egoísmo, o desamor, a falta de fraternidade e de humanidade. Compelido por uma competitividade agressiva em busca de conquistas materiais, experimentando o desterro, tomando mentiras como verdades e rejeitando as verdades como mentiras, acaba desconsiderando a natureza e a humanidade. O domínio das técnicas não foi suficiente para fazê-lo avançar em sua condição de provisoriedade e limitação. Não foi capaz de eliminar os sofrimentos.

Os sofrimentos e as vicissitudes enfrentados pelo homem contemporâneo ganham proporções significativas, porque o impelem a relutar contra a realidade, incessantemente perseguindo o ideal de uma vida perfeita num mundo indolor, ignorando as dinâmicas naturais da vida. Outras vezes, experimenta o desencantamento 'do' e com 'o' mundo pautado na razão e na ciência. Segundo Moltmann (1978, p. 28), a vida do homem contemporâneo é marcada por crises, o mundo do homem contemporâneo é constituído por "fragmentos, rupturas e inconsistências" agravados em volumes e intensidades, dadas as relações conflituosas de suas experiências. O surgimento de fragmentos, rupturas e inconsistências são resultantes de tensões sociais e apontam sempre para algo além. (MOLTMANN, 1978).

As angústias são resultantes das relações conflituosas no âmbito das experiências com o outro e com o mundo, acionando mecanismos psicoemocionais que reivindicam autonomia diante deste cenário de realidades impostas. Fazem emergir o primevo do Ser, na forma de resistência, que aponta na consciência, sua real condição de dependência, de fragilidade e de finitude terrena. O homem busca um sentido que seja maior do que ele é. Que se relacione com o seu existencial, que se desdobre no temporal, que se articule com sua interioridade e com os sentimentos encontrados em sua alma. Ele busca a verdade absoluta, a realidade Maior, ou o que possa ser chamado de Deus. O homem deseja experimentar o infinito no que é por natureza finito, deseja viver na comunhão com o Cristo. E assim, ele procura em seus pensamentos e sentimentos conflitantes uma resposta na busca do sentido que justifique suas angústias e seus tormentos.

3 O SOFRIMENTO NA PERSPECTIVA CRISTÃ

Os elementos contingenciais da vida, como tormentas, sofrimentos, fracassos, dor e morte, assim como as sementes e as primaveras, estão inseridos em uma dinâmica cíclica que acaba chegando para todos, sem exceção. A dialética entre o medo da morte e a paixão pela vida se faz presente em todas as instâncias humanas, encontrando ressonâncias nas angústias mais profundas. Todos somos movidos pelo interesse de compreender a linha tênue que delimita a vida da morte, bem como os critérios que norteiam o padecimento de sofrimentos e o seu reverso, expresso na condição de contentamento e de felicidade. Estes elementos fazem parte da dinâmica da vida e não podem ser excluídos. Todos sofreremos, e o sofrer é um fenômeno natural que integra a vida, não havendo como dele fugir.

Sendo assim, o ser humano é uma criatura sujeita ao sofrimento. Mas afinal, o que o sofrimento? A concepção paulina do sofrimento resume bem a visão que a tradição bíblica empresta à questão. Paulo, adverte que todos, sem exceção, experimentam a realidade dos sofrimentos. "Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados" (2Co.4.8). Neste contexto, conclama a confiança humana que se dá na condição da fé³, pela qual o homem pode, no sofrimento, escolher a forma de enfrentá-lo. Na força criadora da fé despontam possibilidades que estão além da realidade apreendida. Por esta perspectiva, o próprio Deus encarnou e padeceu de sofrimentos, experimentou a dor e a morte e, ao morrer em Cristo, transcendeu a morte, para que a humanidade experimentasse na vida finita o sentido infinito da sua presença. (TILLICH, 1974).

Segundo Rubio (apud ALMEIDA, 2006), no texto bíblico encontram-se pelo menos cinco esquemas interpretativos à questão do sofrimento, descritos da maneira a seguir. No primeiro esquema, tem-se um Deus

² Esse entendimento da criação e da apropriação da ferramenta, da linguagem, da técnica e da cultura como desdobramentos da imaginação é tratado por Rubem Alves em sua obra *O que é Religião*. São Paulo: Ars Poética, 1996.

³ Para um melhor entendimento, aponta-se a distinção conceitual entre 'fé' e 'experiência de fé' a partir, respectivamente das noções de Tillich (1974) e Boff (2006). Assim, a "Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente, é um ato da pessoa como um todo. A fé é um ato integral procedente do centro do eu pessoal, no qual percebemos o incondicional, o infinito, e por ele somos possuídos." (TILLICH, 1974, p. 10). Já para Boff, a experiência da fé viva é aquela que "[...] transfigura e sacramentaliza a realidade, a despeito de todas as contradições que nunca deixam de existir." (BOFF, 2006, p. 35).

configurado como um juiz, sendo o mantenedor da harmonia cósmica, adotando um “Esquema de Justiça Distributiva”, que atribui a toda culpa/pecado um castigo, visando restabelecer a ordem violada. No segundo esquema, há uma atitude de indagação acusatória sobre os desígnios e os mistérios de Deus, e que de forma inversa leva a humanidade a confrontar o “Esquema de Responsabilidade Humana”, examinando a si mesma, seus esquemas mentais, seus julgamentos, seus comportamentos, suas contribuições diretas, indiretas e seus desdobramentos nos males presentes no mundo e na história, decorrentes de atitudes errôneas, egoísticas, maldosas e ambiciosas. No terceiro esquema, aparece a dinâmica “da provação/purificação”, no qual a dor e o mal têm a finalidade de demonstrar a justiça do inocente. O quarto esquema aponta a “dor como elemento educativo”. Enquanto tal, na dor, o ser humano acessa sua interioridade, a dor o tira de si (*educere*), fazendo despontar novas potencialidades. Finalmente, o quinto esquema aponta que “na dor não há germe nenhum do bem”. Trata-se do esquema do sofrimento vicário-substitutivo, como aquele que Jesus Cristo sofreu na cruz pelo pecado da humanidade. (RÚBIO apud ALMEIDA, 2006, p.168).

Um dos teólogos cristãos que mais trabalhou a perspectiva do sofrimento em tempos contemporâneos foi Jürgen Moltmann. De acordo com sua concepção, o sofrimento é um critério para a vivência da vida cristã no mundo, ressaltando-se o fato de que ninguém vive sem forma, sem orientação, sem pontos de direções na vida. Por outro lado, o teólogo aponta que há um pavor próprio da história da paixão de Deus no mundo, da qual Cristo é o exemplo máximo. Nessa perspectiva, a vida na comunidade de Cristo leva-nos mais profundamente à vida do mundo, onde se experimenta a condição da empatia, piedade, resistência, submissão, compaixão e amor. O amor, por sua vez, torna insuportável o sofrimento dos outros, e se o amor conduz ao sofrimento, conclama a oração. (MOLTMANN, 1978).

Em Moltmann, o significado da oração ganha uma conotação de esperança e clamor: “Oração é antes de tudo espera, expectativa. Significa deixar aparecer diariamente em nós, a petição do Apocalipse, ‘vem Senhor Jesus: vem para a humanidade; vem para mim’ ” (MOLTMANN, 1978, p. 26). A aceitação dos sofrimentos deste mundo torna-se característica imprescindível da vida cristã, pois o sofrimento também está em Deus. Em Cristo, Deus entrou na situação limitada e finita do homem. Assim sendo, “Ninguém pode ‘criar’ o estilo de vida cristã. Ele é criado pelo Espírito, quando, pessoalmente e na comunidade, unimo-nos à vida de Cristo e entendemos a história da nossa existência como pequenina parcela da grande história divina da libertação.” (MOLTMANN, 1978, p. 30).

Por esta perspectiva, os sofrimentos impostos pela dor, pela consciência da finitude e da morte, fazem parte de um processo de crescimento ao qual o Ser é submetido por vontade do Pai, para permitir que alcance a libertação e habite o Reino.

Dorothee Sölle, contemporânea de Moltmann, aponta a questão do sofrimento humano e da sua relação com o *pathos* como itinerário de uma trajetória solidária ‘no’ e ‘em’ Cristo, no exercício da compaixão, da aceitação e da afirmação da vida. Em sua obra, considera o sofrimento humano como constituído de três elementos essenciais que se articulam e interagem: o físico, o psíquico e o social. (SOLLE, 1996).⁴ No sofrimento físico, a preponderância é a dor do corpo, que quando sanada elimina seus vestígios; no sofrimento psíquico, ocorrem desdobramentos derivados de aflições, ocasionando sintomas que podem se configurar até mesmo como distúrbios biológicos. No sofrimento social, os tormentos são os temores da marginalidade imposta socialmente, quando a impotência humana não mais se adequa aos padrões impostos, sujeitos à perda da identidade social, na condição do desamparo, do isolamento ou do descenso social contido na experiência da desintegração do grupo de relações.

Sölle (1996) também denuncia alguns elementos do teísmo cristão que contribuíram na formação de esquemas mentais, com a interpretação de um Pai e Senhor que conduz à lógica sádica do sofrimento, estatuidando a onipotência de Deus, como propiciador celestial do sofrimento. A autora descreve que a lógica da concepção sádica do sofrimento consiste em três proposições. “1: Deus é todo-poderoso condutor do mundo, que inflige todo o sofrimento. 2: Deus não age sem fundamento, mas com justiça. 3: Qualquer sofrimento é castigo do pecado.”. (SÖLLE, 1996, p. 32). Em contraposição, apresenta uma teologia mística do sofrimento, na qual “o amor a Deus se torna mais forte do que qualquer espécie de infortúnio”. (SÖLLE, 1996, p. 102). Na mística, a superação da causa do sofrimento tem como consequência um Eu sólido, reforçado, lapidado. “O semblante desvelado é uma imagem de Eckart para a comunhão entre Deus e o homem, que se vai tornando indistinguível”. (SÖLLE, 1996, p.102).

⁴ Ao que Simone Weil designa de infortúnio; ordem de sofrimento que participa das três dimensões, sendo agravado pela intensidade. Comparado a dores que atingem apenas uma dimensão sendo a causa mais facilmente superáveis e consideradas na ordem de sofrimentos puro e simples, o infortúnio causa mais destruição deixando vestígios na alma. (SÖLLE, 1996).

A humanidade em Sölle (1996) se vê dividida entre as ações de *a-patia* e o *pathos*, diante das pressões sofridas, que podem ser de ordens internas e externas.

Apatia é uma forma de incapacidade de sofrimento. É entendida como situação social em que evitar o sofrimento é objetivo tão presente nas pessoas que a recusa no relacionamento e do contato se torna um fim em si mesmo. Na medida em que uma experiência de sofrimento, as 'pathai' da vida são represadas, desaparecem também o 'pathos' da vida e a força e intensidade de seus momentos de alegria. (SÖLLE, 1996, p. 46).

Essas ações (*a-patia* e o *pathos*) se configuram como desafios para o desenvolvimento das potencialidades alojadas nas interioridades, e se realizam no campo das experiências que se dão em grupos. O aspecto social sempre sugere uma condição de igualdade na vivência do sofrimento humano, e se estende ao ponto da semelhança com o Cristo, que em sua humanidade experimentou fome, sede, cansaço, medo, dor, traição dos amigos e o abandono de Deus. Para Sölle (1996), em Cristo, a dor se faz inerente do viver. O modelo de Cristo, reverte a condição do insuportável, transcendendo o sofrimento extremo e o abandono de Deus. Segundo esclarece a autora: "Servir a dor de Deus com a própria dor é um ato pelo qual o sofrimento sai da esfera da privacidade e as pessoas se solidarizam. Tornar-se 'forte na dor' vem a ser adquirir a força daqueles que se fizeram solidários." (SÖLLE, 1996, p. 54).

Ainda para Sölle "O sofrimento é uma espécie de mudança experimentada pelo homem, um 'modus' de vir-a-ser. Vir-a-ser significa, segundo a (doutrina) escolástica, enquanto procede de uma pessoa ativa, fazer; enquanto é assumida por uma pessoa receptiva, sofrer". (SÖLLE, 1996, p. 106). Sensibilizando o homem para a 'dor do outro' e para a 'dor do mundo', este sentimento convoca os valores da esperança e da justiça, na ação concreta do amor, da compaixão, da solidariedade no empenho e na construção de um mundo que possa ser humanamente melhor. Na redenção da cruz, há a certeza da participação de Deus no sofrimento, convocando a forças interiores a transporem o limiar dos infortúnios, acessando o campo da ação realizante na construção do futuro. Deus precisa de nós. "Deus não possui outras mãos senão as nossas."⁵ (SÖLLE, 1996, p. 154).

4 A ANGÚSTIA DA DÚVIDA E A BUSCA DE SENTIDO NA TRILHA DO SOFRIMENTO

A angústia gerada pelos questionamentos relacionados às contingências humanas como o sofrimento, atravessa o espaço temporal e alimenta as reflexões mais íntimas na contemporaneidade, fazendo parte das estruturas de experiências que conferem sentido ao tormento existencial, sempre sujeito ao contingencial e ao provisório, sobre os quais não se pode exercer controle.

Embora se reconheça que o entendimento sobre a temática do sofrimento e da morte sempre conduza a uma discussão larga de valores pessoais, formulados a partir de experiências de diversos formatos culturais e religiosos, neste trabalho, parte-se do postulado que o tema possa encontrar ressonância na cosmovisão de Teilhard de Chardin.

Há uma sombra que habita a angústia da dúvida, que encobre a busca do sentido, suscitando de forma latente uma clareza de entendimento. Segundo Smart "[...] a experiência religiosa envolve algum tipo de "percepção" do mundo invisível, ou uma percepção de que alguma pessoa ou coisa visível é uma manifestação do mundo invisível. (SMART, 1981, p. 11). Para T. de Chardin a 'experiência religiosa' é capaz de sinalizar através dos seus signos os rastros da trajetória individual que culminará num crescente entendimento sobre si mesmo e no desenvolvimento da Espiritualidade. Boff (2006) contribui com sua notável explicação que diferencia espiritualidade de religião:

Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior. Religião está relacionada com a crença no direito à salvação pregada por qualquer tradição de fé, crença esta que tem como um de seus principais aspectos a aceitação de alguma forma de realidade metafísica ou sobrenatural, incluindo possivelmente uma ideia de paraíso ou nirvana. A Espiritualidade está relacionada com as qualidades do espírito humano, tais como compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia, que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros". (BOFF, 2006, p. 15).

⁵ Referência ao campo da ação humana, se Deus sofre com a humanidade, também com ela realiza suas obras. (SÖLLE, 1996).

A angústia existencial passa a ser tratada como uma questão sagrada. Essa vivência espiritualizada definirá a forma como o ser humano vai apreender, dialogar e estabelecer as diretrizes de enfrentamento em diversas ações, perdas e sofrimentos em todas as instâncias da vida.

Assim, de acordo com a perspectiva de um entendimento sobre o propósito do ser humano ser submetido às contingências de sofrimentos, Teilhard de Chardin, em sua obra *O meio Divino* apresenta o tema das “passividades” como categorias de ações que fazem parte de processo de acabamento humano. Podendo ser de crescimento ou de diminuição, ambas fazem parte do processo que permite que a vida flua com regularidade e propósito, fazendo-a evoluir a partir das energias desconhecidas alojadas nela mesma.

Conforme observa Vasconcelos (2001) Teilhard de Chardin apresenta uma Mística da Terra⁶, com a qual nos convida a ajustar o olhar da alma e a perceber que o mundo é ricamente impregnado da presença divina. Propõe uma relação intermitente com Deus, a partir do exercício perceptivo de que Deus é sempre Mistério, e que, na condição de mistério, está contido no tempo e no espaço em diversas variações de intensidades e infinitas modalidades que nos são acessíveis independentemente de nossos consentimentos e vontades, e apesar de nossa percepção grosseira. (VASCONCELOS, 2011).

A proposta do autor é a de que o corpo e a alma participem a todo momento do processo de crescimento e maturidade, e que para tal precisam assimilar de forma equilibrada que o “sensível” inunda os homens com suas riquezas. Deus estabeleceu para o homem condições limitantes, articuladas a ações que envolvem desempenho de fidelidade operada através da fé, nas ações concretas realizadas no trabalho, nas superações constantes de perdas, nos sofrimentos suportados, e até na finitude - cuja concretude se dá na morte -, para edificação de algo definitivo, num propósito Maior. Uma ascese que permite que o finito experimente o infinito em si, transcendendo as fronteiras contingenciais do ser no mundo, em um movimento convergente que dinamiza as potências do universo.

Segundo Vasconcelos (2011), em Teilhard de Chardin, o homem, enquanto criatura do universo, participa de um processo natural de evolução, onde se movimenta de forma convergente para um ponto denominado “Ômega” ou “Ponto Ômega”, que é uma referência, com última letra do alfabeto grego, ao que seria o polo atrativo do Universo. Em seu pensamento a palavra recebe três sentidos. No primeiro deles, o Ômega é de caráter puramente científico, significa ponto de maturação da convergência universal. A ciência não estabelece com exatidão as características desse ponto, porque ele projeta-se num futuro “fora do tempo e do espaço”. Num segundo sentido, o Ômega ganha uma perspectiva filosófica. É uma meta a alcançar, convertendo-se em centro de atração motora e convergente que, desde o interior, estimula os centros energéticos do universo. Finalmente, o Ômega é de natureza também teológica. É o Deus transcendente, criador, encarnado e final. Sob o aspecto da encarnação ele assume as feições do Cristo ressuscitado no qual se realiza a conjunção do centro cósmico universal e do centro transcendente. (VASCONCELLOS, 2011).

Assim, o homem na Terra experimenta o sofrimento como um exercício extremo com relação ao seu espírito e seu coração, para edificação de “algo” definitivo. O propósito da transfiguração do sofrimento humano é servir ao acabamento final e à consumação do homem para integrá-lo a um plano melhor, porque em Deus tudo se converte em bem. Como observa Vasconcelos (2018, p. 38), o arcabouço do pensamento teilhardiano se resume em: “O Universo se converge para um termo final - o Ômega”.

A partir dessa perspectiva, todos são convocados a se empenhar para desenvolver potencialidades e talentos para o campo da ação realizante, no esforço, na obra, no crescimento do Reino de Deus. Vasconcelos (2011, p. 663) escreve que: “O sentido e o valor de nosso trabalho, por menor que seja, contribui para levar a criação à sua consumação em Cristo” no centro divino do universo, o “Ponto Ômega”. “Pelo dinamismo sempre em curso da Encarnação, o Divino impregna nossas energias de criaturas, o que nos possibilita a encontrá-lo e abraçá-lo em nossa própria ação. O nosso trabalho torna-se, pois, caminho de realização pessoal, salvação e de santidade.” (VASCONCELOS, 2011, p. 663).

Para Teilhard Chardin (2014), essa ascese espiritual proporcionada pela divinização da ação, exige do ser humano o esforço árduo no sentido de lapidar as arestas da inércia, os apegos equivocados, os egoísmos, e a controlar as más inclinações. As ferramentas para esta lapidação são as passividades.

[...] passividades, primeiramente, acompanham constantemente nossas operações conscientes a título de reações que dirigem, sustentam ou se opõem aos nossos esforços. E,

⁶ Concepção de um universo aberto e evolutivo, caracterizado pela cosmogênese, a biogênese, a neogênese e a cristogênese. (VASCONCELOS, 2011).

unicamente por sua própria conta, elas duplicam necessária e exatamente a extensão de nossa atividade”. (TEILHARD DE CHARDIN, 2014, p. 42).

5 AS PASSIVIDADES PRESENTES NAS INSPIRAÇÕES E NAS VICISSITUDES

As passividades são ferramentas para o acabamento do dom, apontando as duas partes de nossa natureza interior - a ativa e a passiva. São ações ou reações que nos sustentam ou se opõem aos nossos esforços, ou seja, não dependem de nossa escolha, estamos sujeitos aos seus padecimentos, sendo que não estão ao alcance de nosso controle. “Podem ser de crescimento; forças amigas e favoráveis que sustentam nosso esforço e nos dirigem ao sucesso e podem ser de diminuição; potências inimigas que interferem em nossas tendências, reduzindo nossas capacidades reais ou aparentes de desenvolvimento.” (VASCONCELOS, 2011, p. 664).

O mesmo autor ainda acrescenta que, “Sob o olhar da fé religiosa o cristão sensível aos atrativos da união com Deus pela ação, é capaz de dar um diferencial aos fracassos e contratempos que a vida pouco a pouco lhe impõe, transformando-os, pelo amor, em comunhão.” (VASCONCELOS, 2001, p. 664).

Para Vasconcelos (2001), as passividades de crescimento são como os sopros da vida favoráveis, que animam, amparam e impulsionam o desenvolvimento do nosso ser! São potências nas vontades e nas escolhas, verdadeiros impulsos que se originam ‘em’ e ‘de’ Deus (inspiração).

Em Teixeira (2017), as passividades de diminuição são potências que revelam os aspectos difíceis e negativos da existência, nos abatendo em nossa fibra, nos facultando uma abertura para a ação divina. São vicissitudes.⁷

Podem ser de origem externas, as infecções, os acidentes e incidentes diversos ou de origem interna; que se apresentam no início da vida, como os defeitos naturais ou incapacidades físicas, intelectuais ou morais, ou que se manifestam mais tarde, como acidentes ou doenças. (TEIXEIRA, 2017, p. 152).

Teixeira (2017) ainda acrescenta a respeito do tema, a concepção de Teilhard de Chardin sobre as passividades de diminuição, que, para o teólogo, compreendem “[...]processos de ‘desorganização’ que se instalam duramente no coração da existência e diminuem a temperatura vital. São formas, às vezes violentas, que enfraquecem ou mesmo matam a energia de viver.” (TEIXEIRA, 2017, p. 152).

Para o autor, há passividades que nos são inevitáveis, como a marcha do envelhecimento e a morte, que é considerada o coroamento das diminuições, argumentando que: “Não há como escapar ao envelhecimento e à morte, nem driblar totalmente o problema do mal, que é ‘um dos mistérios mais perturbadores do Universo’, mas é possível, sim, transfigurar essa ‘derrota’ integrando-a num plano positivo.” (TEIXEIRA, 2017, p. 153).

Nessa mesma linha de pensamento, não é possível combater a morte, mas pode-se reverter o seu sentido, pela fé na aparente derrota que ela representa, podendo surgir sua transfiguração na comunhão com o Cristo. Sob esse aspecto, escreve Vasconcelos: “O papel primordial do Cristo é o de atrair a Ele tudo o que, antes dele, se movia ao acaso. A figura de Cristo ocupa um lugar de imponente na criação”. (VASCONCELOS, 2018, p. 42).

Não é possível mensurar a quantas passividades de diminuições somos submetidos ao longo de uma vida, nem quantas vezes nos questionamos sobre as circunstâncias de diminuições as quais assistimos e participamos, de forma direta e indireta, no compartilhamento da estrada com o outro. Mas, com certeza, buscamos uma clareza de entendimento sobre o sentido de finalidade para o sofrimento que experimentamos e cuja a compreensão não se exaure nos múltiplos discursos de razão científica.

Neste contexto, Teilhard de Chardin (2014) parece oferecer, em suas reflexões, algumas propostas de esclarecimento acerca da finalidade das limitações, do significado das perdas ao longo da vida, dos padecimentos de sofrimentos, de dor, de finitude, dos quais, absolutamente ninguém está isento. Embora o problema do Mal se configure como um dos mistérios mais perturbadores do universo, o autor acredita que através das passividades seja possível transfigurar essa aparente “derrota”, integrando-a num plano Maior, pois, para ele, o mundo criou-se e finaliza-se em Cristo. Enquanto Vasconcelos (2018) assevera que: “Cristo,

⁷ Teixeira (2017, p. 152) ainda acrescenta a respeito das passividades de diminuição que: “Segundo Teilhard de Chardin, são processos de ‘desorganização’ que se instalam duramente no coração da existência e diminuem a temperatura vital. São formas, às vezes violentas, que enfraquecem ou mesmo matam a energia de viver.”

juntamente com o Pai, é o Início, o Mediador, o Centro, o Fim de toda Criação animada e material. Para ele, tudo foi criado, santificado e vivificado. O processo evolutivo já preparava e se dobrava diante do Fruto aguardado.” (VASCONCELOS, 2018, p. 42).

As passividades em Teilhard de Chardin, são como presentes divinos: um convite para buscar o mais Ser, a lapidar as arestas, a convocar as potências de forças latentes que estão alojadas em si mesmas. Estas forças das ações que correm à revelia humana, impulsionam a um movimento convergente ao ponto Ômega, contribuindo para o desenvolvimento do Universo.

O sofrimento humano é a ferramenta pela qual Deus nos escava ao fundo de nosso ser. “Deus deve, de alguma maneira, a fim de penetrar definitivamente em nós, cavar-nos, esvaziar-nos, fazer para si um lugar. Ele precisa, para assimilar-nos nele, retocar-nos, refundir-nos, quebrar as moléculas de nosso ser”. (TEIXEIRA, 2017, p. 153). Este sentimento transfigura a realidade na qual interagimos, ampliando as percepções e proporcionando uma maior interação com o meio divino. (TEIXEIRA, 2017).

Em Teilhard de Chardin, o sofrimento perde o viés da negatividade pura, perde a roupagem de punição, de castigo e adquire um *status* de credencial para que se possa alcançar o ponto de maturidade que conduz ao acabamento de si, do mundo e do universo. O sofrimento faz emergir a espiritualidade latente que a contemporaneidade divisa em linhas tênues, em meio ao seu espaço temporal de regras impostas e conceitos concebidos. O sentimento encontra ressonâncias nas suas mais íntimas sentimentalidades, acessando o fundo da alma.

A partir desta proposta, mesmo o sofrimento fazendo parte da dinâmica da vida, assim como a dor e a morte, ele constitui o inverso de uma condição de plenitude e vida. O sofrimento passa a ser resultante da resistência, da dificuldade na aceitação da condição da dor e da morte como parte integrante da vida.

Deus se utiliza do sofrimento para provocar uma fissura no interior do Ser, no qual atuará com um conjunto de forças do universo para produzir o efeito esperado por ‘Ele’. É na dinâmica de padecimentos dos sofrimentos humanos que ocorre a transfiguração de todas as coisas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de passividades encontrada na teologia de Teilhard de Chardin, parece oferecer uma estrutura de explicações diferenciadas sobre a questão do sofrimento, apontando na contemporaneidade um viés de entendimento, a partir da potência espiritual encontrada na matéria e da dinâmica de uma evolução universal. Como foi visto em Vasconcelos (2011), a ação da matéria é divinizada e integra um mecanismo de crescimento, convergindo para o denominado “ponto Ômega”.

A contemporaneidade humana, marcada por “paradoxos e inconsistências”, encontraria, dessa forma, em Teilhard de Chardin, uma explicação que se coaduna com uma lógica de desenvolvimento e crescimento espiritual concomitante com o campo de ação do viver material. As passividades funcionariam como ferramentas divinas com a finalidade de cunhar no mais profundo da fibra do ser, fazendo emergir fenômenos extensos, profundos e até então desconhecidos, mas que fazem parte da interioridade da vida.

Alternadas no decorrer da vida entre passividades de crescimento e de diminuições, estas conduzem-nos à maturidade espiritual, fazendo despontar em nós potencialidades já alojadas em si mesmas, mas em estado adormecido, latentes ou estagnadas. As passividades quebram nossas camadas exteriores e nos forçam, nos impulsionam, para uma centralidade da interioridade, onde se aloja a alma, permitindo que ela se dilate ou se degrade. As passividades se originam ‘em’ e ‘de’ Deus para alcançarmos a ascese cristã.

Assim, pela perspectiva de Teilhard de Chardin, os sofrimentos e as vicissitudes integrariam um processo de maturidade latente da qual se é convocado a participar, sem necessitar de consentimento, integrando um plano Maior de desenvolvimento universal; o gênero humano se desenvolvendo, segundo a conhecida expressão teilhardiana, na ordem de grandeza e na evolução universal.

O universo, desta forma, se apresentaria dinâmico, aberto, amplo, com uma orientação de ordenação divina que remete a uma complexificação da consciência. Esta definição parece coadunar com o pensamento dinâmico da contemporaneidade, primeiro por atender a premissa de desenvolvimento, que aparentemente faz parte da natureza contemporânea, que se baseia, como foi dito, no que se mensura pela técnica da eficiência, e segundo, por apontar um fundamento cósmico que remete a uma perspectiva do sagrado. E talvez neste ponto fale, mais intimamente aos corações, por tornar possível uma retomada da relação com o sagrado numa perspectiva de transcendência, de interioridade e de profunda conscientização das leis que regem o Cosmos. O

entendimento do homem contemporâneo tem como base a razão, embora a humanidade reconheça que ela não dê conta de esclarecer os Mistérios presentes no Universo.

Assim, as crises existenciais passam a fazer parte de um processo de maturação, no qual despontam questões latentes alojadas no fundo da alma, mas que encontram consonância com um ponto convergente, o Ômega, ou meio divino. A potência espiritual da matéria se vê inserida na dinâmica de uma evolução universal, num propósito maior, a cristogênese.

Em Teilhard de Chardin (2014), o átomo perdido no universo experimenta, no tormento, a natureza de sensações de dependência, de eternidade, de algo ilimitado, de algo fontal, um sentimento de vínculo indissolúvel, que cria um ser uno com o mundo externo como todo, vivenciando na diafania (presença do mistério de Deus) o sentido de ser universal em ressonância com as angústias mais íntimas.

Nos sofrimentos, encontra-se a dificuldade de distinguir que Deus nos escava no fundo do coração, e ao fazê-lo está compartilhando o sentido da Cruz (ALMEIDA, 2006). O autor observa que não se deve evitar as experiências de dor e amor na vida, ao escrever: “O segredo da vida sob o signo da Cruz: viver é perder-se, é dar-se, é entregar-se, é doar-se, é abrir-se. (ALMEIDA, 2006, p. 166).

Esquecemo-nos que o mundo é um lugar sagrado e que a criatura humana é autoconsciente, capaz de amadurecer. É no processo de sofrimento terreno que emergem potencialidades a nível de consciência e de decisão pessoal. É na interioridade que o humano experimenta Deus, que o finito experimenta o infinito em si, transcendendo as fronteiras contingenciais do ser no mundo, em um movimento convergente que dinamiza as potências do Universo.

O sofrimento se transfigura na paciência, na tolerância e na resignação, revelando que o Reino de Deus está alojado em nós mesmos, pois somos seres dotados de uma grande potência espiritual de amor, de alteridade e de compaixão.

Desta forma, a contemporaneidade pode encontrar ressonância na teologia de Teilhard de Chardin, pela qual a transfiguração das coisas se dá por uma ascensão, e absolutamente tudo está destinado ao crescimento e ao amadurecimento. O trabalho e a linguagem encontrados nas obras de Teilhard de Chardin parecem trazer questões que são bem atuais às indagações de nosso tempo.

Esta forma reflexiva parece atrativa por dar conta de forma coerente das leis naturais e dos mistérios insondáveis de Deus, colocando o homem na condição de protagonista de seu próprio autoconhecimento, na busca e na conquista do sagrado. O insucesso torna-se propulsão, os sofrimentos, os fracassos, as catástrofes naturais deixam de configurar a condição de pecado e de punição, passando a integrar as leis naturais. Pois, “O mal fundamental de que sofreremos, reside em nossa incapacidade de ver o todo”. (BINGEMER, 2006, p. 427).⁸

Desta forma, a condição de sofrimento transmuta, passando a ser apenas o reverso de uma condição de plenitude. A perspectiva Teilhardiana, torna o sofrimento contemporâneo suportável, através da concepção das passividades, as quais permitem que os sofrimentos sejam transfigurados na matéria, se transformando em potências espirituais.

Concluindo, todo o universo é regido por um complexo de estruturas, formas e funções que convergem naturalmente para o amor, para o uno tangível, para o ‘ponto Ômega’. Cada criatura é convocada por meio de seus próprios esforços a atingir a maturidade transfigurando o sofrimento, e a quebrar a crosta de indiferença, de insensibilidade, humanizando-se na dor e partilhando de novos sentidos mais espiritualizados, que possibilitam captar a presença do Mistério Maior. Segundo foi discutido com a ajuda da argumentação de Almeida (2006), a dor é propulsora de experiências que conduzem à atenção e à acolhida ao amor, ao distinto e ao outro, pois: “A dor nos amoriza, fazendo alcançar Deus, no que há de mais individual no outro”. (ALMEIDA, 2006, p. 167). E desta forma, acena-nos com reflexões plausíveis para o entendimento do fenômeno do sofrimento na contemporaneidade, bem como da relação de busca que se estabelece pelo sentido da vida, assim como na experiência do sentimento de pertencimento a um mundo mais espiritualizado. Pois, em Teilhard de Chardin, Deus está sempre em nós.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Ars Poética, 1996.

⁸ Cf. cartas de Teilhard de Chardin a Léontine Zanta, 15 de outubro de 1926.

ALMEIDA, Edson Fernando. **Do viver apático ao viver simpático**. Sofrimento e morte. São Paulo: Loyola, 2006.

BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis (Org.). **Narrativas Místicas**: antologia de textos místicos da história do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2016.

BERGER, Peter Ludwing. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 9ª reimpressão, 2013.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

MELLO, Luiz Gonzaga. **Antropologia Cultural**: Iniciação, Teorias e Temas. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLTMANN, Jürgen. **Paixão pela vida**. São Paulo: Aste, 1978.

PENHA, João. **Períodos Filosóficos**. São Paulo: Ática, 1994.

SMART, Ninian. **A experiência religiosa da humanidade**. Nova Iorque: Fount Paperbacks, 1981.

SÖLLE, Dorothee. **Sufrimento**. Tradução de Antônio Estêvão. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEILHARD de Chardin, Pierre. **O meio Divino**: ensaio de vida interior. 2.ed.- Petrópolis: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Faustino. **Na fonte do amado, malhas da mística cristã**. São Paulo, Fonte Editorial, 2017.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 1974. 10 p.

VASCONCELOS, Aparecida M. **Cristo e o Universo**: a visão mística de Teilhard Chardin. São Paulo: Paulinas, 2018.

_____. Nos êxitos e nos fracassos humanos: a mística da terra na cosmovisão de Pierre Teilhard Chardin. **Revista do Depto. de Teologia da Puc-Rio / Brasil**, ano XV, nº 39, set. a dez. 2011. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20397/20397.PDF>>. Acesso em: 18 out. 2018.